



A ÉPICA DILACERADA DE LUIZ RUFFATO EM CONTEXTO DE FRAGMENTAÇÃO PÓS-MODERNA

ORO, Vanessa Martinelli¹; CUNHA, João Manuel dos Santos².

¹Acadêmica do Curso de Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas da UFPel; integrante do Grupo de Pesquisa “Literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade”, coordenado pelo Prof. Dr. João Manuel dos Santos Cunha; bolsista BIC-FAPERGS 2008-2009; vanessamartinellioro@yahoo.com.br

²Doutor em Letras; professor de Literatura na Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, UFPel; profjoaomanuel@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, resultado parcial de investigação vinculada ao projeto de pesquisa “Literatura Comparada: Interdisciplinaridade e Intertextualidade”, buscar-se-á situar a narrativa inicial de Luiz Ruffato na tradição literária brasileira, a partir das características do Realismo brasileiro do final do século XIX, passando pela construção do que se costuma chamar de neo-realismo, já na segunda metade do século XX, identificado em textos de ficção surgidos nos anos subsequentes ao primeiro Modernismo dos anos vinte. A análise e a interpretação do texto de Ruffato considerará também sua inserção no espaço da contemporaneidade crítica, experimentando conceitos teórico-críticos balizadores do pós-modernismo e da pós-modernidade e visando à contextualização cultural e estética de obra tão impregnada das transformações sociais porque passou o país nas últimas décadas. Essa tentativa de localização das textualidades ruffatianas em um tempo histórico e estético rigorosamente definidos faz-se necessária em virtude de que, embora se saiba que a literatura não tem compromisso com o real, a invenção literária acaba sempre refletindo o contexto histórico, social e estético em que naturalmente se insere.

2. METODOLOGIA

Buscou-se aplicar os métodos comparativos para leitura de textos literários, embasados nas teorias da intertextualidade, levando em consideração que nenhum texto é original, encerrado nele mesmo, mas que pertence a um sistema literário, ou, segundo Itamar Even Zohar (1970), a um polissistema literário, de tal forma que a realização de uma determinada obra só é possível porque outras a precederam. Dessa forma, todo texto literário faz parte de um todo maior (repertório) com o qual intertextualiza naturalmente.

3. DISCUSSÃO

Na segunda metade do século XIX, no Brasil, a subjetividade, a regionalidade e o idealismo do Romantismo ao retratar a sociedade e o homem passaram a ser problematizados por parte importante dos escritores e da própria crítica. Em lugar dos heróis calcados no modelo clássico e no das mitologias formadoras de uma identidade nacional, surgiam personagens comuns, com seus problemas e limitações, e o racionalismo e a objetividade na análise das relações sociais passaram a predominar. A análise psicológica e social e o forte poder de crítica social não eram apenas uma tentativa por parte dos autores de conhecer a realidade, mas também um anseio de contribuir para modificá-la. Essa época é mais comumente conhecida como o Realismo brasileiro, porém é preciso ressaltar que “o século XIX é um campo onde se cruzam e entrecruzam, avançam e recuam, atuam e reagem umas sobre as outras, ora se prolongando ora opondo-se, diversas correntes estéticas e literárias” (COUTINHO, 1969, p. 2).

A partir do início do século XX, desenvolve-se um projeto de modernidade, tal como identificado por Habermas ([1983], apud HARVEY, 1998, p.23), que sugeria a utilização criativa do conhecimento adquirido pelo homem, para o seu próprio enriquecimento e para o progresso social, econômico e político da sociedade. Tal fato acabou se refletindo na literatura, dando origem ao movimento estético conhecido como Modernismo, no Brasil do início dos anos vinte, com a publicação de manifestos que defendiam uma nova forma de escrever, mais autêntica, livre de formas pré-definidas e prescrições normativas; e, mais para o final da década, com os manifestos regionalistas, que preconizavam a valorização do homem, visto em contextos regionais, culturais e econômicos.

Logo após a primeira fase do Modernismo brasileiro, acontece o ressurgimento da preocupação com os problemas sociais na literatura. Surge o Neo-realismo, resgatando ideias do Realismo-Naturalismo do fim do século XIX e aproveitando os avanços conquistados pelo Modernismo do início do século XX, além de incorporar princípios da filosofia marxista e da psicanálise freudiana. Os escritores neo-realistas, que podem ser identificados em parte aos “movimentos regionalistas” e ao “romance de 30”, preocupavam-se com os problemas políticos e sociais causados pela desigualdade de classes, e logo voltaram a fazer uso da literatura para discuti-los e denunciá-los.

A partir de meados do século XX, e intensificando-se no decorrer das décadas seguintes, surge o que alguns teóricos consideram a terceira fase do Modernismo, por outros já denominada como Pós-modernismo. Assim como o Modernismo era considerado um reflexo da modernidade nas artes, o Pós-modernismo é considerado um reflexo da pós-modernidade no âmbito da cultura e da representação estética. Mas qual a diferença desse “pós” nos dois conceitos que passam a partir daí a compor a agenda da teoria e da crítica literária? Vale a pena citar Jameson, que lembra que o conceito de pós-moderno

não é apenas mais um termo para descrever um estilo específico. É também, pelo menos tal como o emprego, um conceito periodizante, cuja função é correlacionar a emergência de novos aspectos formais da cultura com a emergência de um novo tipo de vida social e com uma nova ordem econômica – aquilo que muitas vezes se chama, eufemisticamente, de modernização, sociedade pós-industrial ou de consumo, sociedade da mídia ou dos espetáculos, ou capitalismo multinacional (1993, p.27).

Dessa forma, poderíamos considerar o prefixo “pós” como uma forma de intensificar os conceitos com os quais se relaciona, ou seja, o ritmo do processo de modernização é cada vez mais acelerado, e o que surge agora é uma sociedade conhecida como “a condição pós-moderna”, a “sociedade de consumo”, propugnada por Jameson, caracterizada pela saturação de informações e serviços, assim como por grandes mudanças nas ciências, nas artes e na sociedade em geral.

Com a globalização, o sujeito tornou-se completamente refém do consumismo, inclusive cultural e estético. Cada vez mais, são produzidos e criados produtos e facilidades que o atraíam e o façam consumir mais. Esses bens e serviços, apesar de serem simulacros alcançáveis de um real inalcançável, tornam mais interessante a realidade, fazendo com que haja uma supervalorização do objeto, do simulacro, o qual intensifica, embeleza a realidade e faz da vida um espetáculo permanente, ao som, à luz e à imagem de um real inventado.

Com a crescente valorização dos bens materiais, há o surgimento de novos valores, ou melhor, perdem-se todos os valores. Dessa forma, o homem transforma-se em um “sujeito *blip*” – “feito com fiapos de informação e vivências – que não tem ego estável nem princípios rígidos. Descontraído, mutante, seu ego flutua conforme os testes das circunstâncias” (SANTOS, 1986, p.103). Esse sujeito nada mais é do que o reflexo da internacionalização industrial da cultura, que o satura com um grande fluxo de informações, imagens, serviços, em ritmo acelerado e atordoante.

Essa é a natureza do sujeito pós-moderno, tal como defende Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2004) – uma multiplicidade, seja de informações, serviços ou vivências. É no cotidiano que ele se forma, se faz e se refaz em vários “eus”, conforme o que a sociedade exige dele. E é nesse contexto que se identifica o chamado Pós-modernismo, reflexo da pós-modernidade nas artes e na cultura de forma geral, inclusive na literatura. Nesse sentido, é importante recuperar a leitura que fazem dois críticos sensíveis a essa era: segundo Haroldo de Campos (apud MEDEIROS, 2007, p.24), “fazer literatura é também transitar por espaços hesitantes nos quais a configuração da identidade do texto em si, enquanto forma, é contestada”. Até porque, diz o também escritor Sérgio Sant’anna (1982, p. 211), “está difícil, hoje em dia, não escrever em fragmentos (...), porque a realidade, cada vez mais complexa, também se estilhaçou”. Além dessa fragmentação formal e de conteúdo, marca da literatura contemporânea, percebe-se um ressurgimento do contexto histórico nos textos pós-modernos, uma preocupação com uma sociedade em transformação e uma tentativa de refletir sobre ela e acompanhá-la.

Vejamos como isso se reflete na literatura de Luiz Ruffato. Nos seus dois primeiros livros de contos, *Histórias de remorsos e rancores* (1998) e *(os sobreviventes)* (2000), os quais contam histórias que se complementam, como se uma fosse a continuação de outra, o narrador detém-se no Beco do Zé Pinto e em pequenos episódios da vida de alguns de seus moradores, que são protagonistas em alguns contos, coadjuvantes em outros. Em *Histórias de remorsos e rancores*, por exemplo, o conto “A mancha” tem como personagem principal Bibica, que teve um caso com um homem casado, Seu Antônio, e engravidou. Ele, um homem de reputação, não reconhece o filho, Marquinho, que morre antes de completar dez anos de idade, atropelado por um cata-níquel. Bibica já tinha traumas sociais que marcaram sua vida, como o de ter sido prostituta, e a mancha do sangue de Marquinho permanecendo na rua até o dia em que ele é esquecido pelas pessoas, vai remarcar sua história de vida com o signo do estar à margem, fazendo-a refletir sobre a sua condição de não-pertencimento.

Já no conto “Ciranda”, o foco passa a ser Zunga, um dos filhos de Bibica, um vagabundo que rouba dinheiro dela e vive se embriagando. Em outro, ainda, “Jorge Pelado”, apresenta-se a história de mais um filho dela, Jorginho, que foi morar no Rio de Janeiro. Bibica não se conforma de tê-lo deixado partir, sentindo que algo de ruim pode ter acontecido a ele, e enlouquece, incapaz de construir-se como sujeito por meio do entendimento de sua circunstância social, cultural e econômica.

Sucedem-se, assim, várias histórias, na conformação de um painel que, ainda que tenha raízes épicas, subverte o modelo dos dramas vestidos pelo realismo social, tão comuns a uma certa literatura tida como “participante”. Em variantes anedóticas, mas vinculadas ao mesmo eixo neo-realista, os textos de Ruffato dão conta do ordinário vivido no Beco do Zé Pinto: o de Vanim, que deixa para trás tudo em busca do sonho de ser cantor famoso; o de Zito Pereira, que é preso após dar um susto no patrão, por quem havia sido despedido; o de Dusanjos, cujo marido, desaparecido por dois anos, reaparece, mas incapaz de retomar o fio da existência em comum; e o de Luzimar, que reencontra um velho amigo que vive em São Paulo há dez anos e volta para Cataguases para ver a mãe. São, todos eles, personagens em trânsito existencial, de margem para margem, sem condições de se fixarem social, econômica, cultural e sentimentalmente; incapazes de se localizarem no espaço ilusório da “condição pós-moderna”. É disso, afinal, que nos falam essas narrativas neo-realistas de Luiz Ruffato.

4. CONCLUSÃO

Luiz Ruffato utiliza-se de todas as circunstâncias que o pós-modernismo lhe oferece para desenvolver suas narrativas curtas, fragmentos ficcionais que poderiam ser entendidos como contos, mas que subvertem, na verdade, a conceituação tradicional do gênero. Nas duas últimas décadas, como assinala Alfredo Bosi (2003), “proteiforme, o conto não só consegue abraçar a temática toda do romance, como põe em jogo os princípios de composição que regem a escrita moderna em busca do texto sintético e do convívio de tons, gêneros e significados” (p.68-69). Ainda que seja assim, se a literatura de Ruffato é fragmentada, como o homem e o meio social contemporâneo, nem por isso deixa de dar conta de um contexto em transformação, pois é através desses fragmentos que o autor consegue traçar um panorama do cotidiano dos centros urbanos, de seus heróis periféricos e de sua provisória inserção numa sociedade que não os acolhe.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. v. 3. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. The Function of the Literary Polysystem in the History of Literature. In: **Communication: Symposium on the Theory of Literary History**, Tel-Aviv, 1970.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 7ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

JAMESON, Frederic. **O pós-modernismo e a sociedade de consumo**. In: KAPLAN, Ann (Org.). **O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

MEDEIROS, Marco Aurélio Pinheiro de. **O labirinto dos eus cambiantes**: a questão da identidade em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. 2007. 76 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UERJ.

RUFFATO, Luiz. **Histórias de remorsos e rancores**. São Paulo: Boitempo, 2002.

RUFFATO, Luiz. **(os sobreviventes)**. São Paulo: Boitempo, 2000.

SANT'ANNA, Sérgio. **O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro**. São Paulo: Ática, 1982.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Editora brasiliense, 1986.